

A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR EM UM PROCESSO DE INCUBAÇÃO¹

Larissa Barbosa Borges²
Bruna Fioravanti Wackerha³
Carolina Lacerda Dias⁴
Juliana Sartori Gomes Lopes⁵
Taynara Ferrarezi de Carvalho⁶
Raquel Cabral⁷

Introdução

O presente trabalho pretende abordar os conceitos de educação popular e economia solidária muito estudados no contexto de incubação da Cooperativa Grupo Mulher. Essa incubação é realizada desde 2015 pela Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP-Bauru (INCOP), um projeto de extensão multidisciplinar que busca acompanhar grupos populares em processos de formalização de um empreendimento solidário, no caso, uma cooperativa de trabalho.

A problemática em torno da estrutura social e econômica existente se mostra nas relações de poder, nas quais o sistema capitalista está fundado. A constante competição de pessoas por um determinado cargo e, em seguida, a exploração desta força de trabalho – que culmina em uma desigualdade social e, conseqüentemente, na luta de classes – é

1 Trabalho apresentado no Simpósio Ciência, Tecnologia e Sociedade: Mobilizar o Conhecimento para alimentar o Brasil.

2 Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da UNESP Bauru. E-mail: lariibborges@gmail.com.

3 Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da UNESP Bauru. E-mail: bruna.fioravanti@hotmail.com.

4 Estudante de Graduação 8º semestre do Curso de Psicologia da UNESP Bauru. E-mail: carolina.ldias@gmail.com.

5 Estudante de Graduação 2º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da UNESP Bauru. E-mail: julianasglopes@hotmail.com.

6 Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Comunicação Social: Relações Públicas da UNESP Bauru. E-mail: taynaraferrarezi@yahoo.com.br.

7 Professora Coordenadora da Incubadora de Cooperativas Populares da UNESP Bauru. E-mail: raquelc@faac.unesp.br.

a realidade em que estamos inseridos e na qual trabalharemos. A acumulação de capital por parte de pequenos grupos gera uma situação de extrema desigualdade, na qual uma pequena parcela da sociedade detém a maior parte dos recursos do planeta, enquanto a grande maioria das pessoas vive em situação de escassez. A partir disto, o avanço tecnológico se dá por meio de investimentos e interesses corporativos, nada coletivos e voltados para o aumento da produção em massa, visando o acúmulo de capital; resultando em desemprego em massa e na marginalização da classe trabalhadora.

Santos (2007) em seu texto "Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes" sinaliza a existência de uma linha imaginária que divide o pensamento ocidental dos demais e faz com que estes sejam desvalorizados, sendo assim questionada a veracidade dos pensamentos e pressupostos teóricos não-ocidentais. O autor defende a necessidade de um pensamento pós-abissal que parta da premissa de que a diversidade é inesgotável, reconhecendo a necessidade de uma epistemologia da diversidade, pois esta está em constante crescimento e necessita ser construída devido à pluralidade de formas de conhecimentos existentes. Nesse sentido, é nesse ponto que a educação popular permite problematizar e desconstruir algumas estruturas de violência também presentes na ciência, pois ela enfatiza a importância da diversidade de conhecimentos, olhares, experiências e saberes.

A partir de vários aspectos abordados ao longo do texto, há uma reflexão acerca da necessidade de aceitar o diferente, de trabalhar o multiculturalismo, pois num sistema capitalista as desigualdades se tornam algo comum, fazendo com que haja essa valorização de apenas um tipo de conhecimento. Nessa linha de reflexão, Singer (2002, p. 8) explica que:

O capitalismo produz desigualdade crescente, verdadeira polarização entre ganhadores e perdedores. Enquanto os primeiros acumulam capital, galgam posições e avançam nas carreiras, os últimos acumulam dívidas pelas quais devem pagar juros cada vez maiores, são despedidos ou ficam desempregados até que se tornam inempregáveis, o que significa que as derrotas os marcaram tanto que ninguém mais quer empregá-los.

Diante dessa realidade injusta imposta por um modelo econômico, político e social que produz vítimas a partir da desigualdade que gera, a proposta da economia solidária se coloca como uma alternativa ao modelo atual. Ela representa um caminho rico em possibilidades para transformar a realidade social de muitos grupos sociais. Surge como uma forma de geração de trabalho para os excluídos do mercado e expostos ao desemprego, trabalhos precários e informais. Mas, então, o que viria a ser conceitualmente essa alternativa?

Paul Singer, pesquisador e um dos maiores nomes no cenário brasileiro da economia solidária, define o conceito como:

Nós costumamos definir economia solidária como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática, quer dizer, cada sócio, cada membro do empreendimento tem direito a um voto. Se são pequenas cooperativas, não há nenhuma distinção importante de funções, todo o mundo faz o que precisa. Agora, quando são maiores, aí há necessidade que haja um presidente, um tesoureiro, enfim, algumas funções especializadas, e isso é importante sobretudo quando elas são bem grandes, porque aí uma grande parte das decisões tem que ser tomada pelas pessoas responsáveis pelos diferentes setores. Eles têm que estritamente cumprir aquilo que são as diretrizes do coletivo, e, se não o fizerem a contento, o coletivo os substitui. É o inverso da relação que prevalece em empreendimentos heterogestionários, em que os que desempenham funções responsáveis têm autoridade sobre os outros (SINGER, 2008, p.2).

Partindo dessa concepção, Singer nos sinaliza que a economia solidária coloca o direito da produção coletiva a todos os que trabalham nela, ou seja, a igualdade é o foco. Dessa forma, os princípios da educação popular se tornam fundamentais diante desse processo.

Partindo dessa problematização, podemos identificar nossos objetivos com este trabalho. Nosso objetivo geral é corroborar o papel da Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp-Bauru (INCOP) na promoção da cultura do cooperativismo, economia solidária e no desenvolvimento da educação popular no meio rural. Já nossos objetivos específicos são: discutir o conceito de educação popular no contexto da incubação de cooperativas, no caso específico da Cooperativa Grupo Mulher no assentamento rural Horto Aimorés em Bauru-SP; e explicitar a atividade de incubação realizada na Cooperativa Grupo Mulher em função de ações de formação e desenvolvimento realizadas durante os anos de 2015, 2016 e 2017.

Para contextualizar nossa metodologia, cabe destacar que para a realização deste artigo, buscamos utilizar algumas ferramentas metodológicas que pudessem auxiliar-nos na descrição do nosso objeto de estudo. Utilizamos a pesquisa bibliográfica para levantamento do embasamento teórico, além da observação participante realizada, considerando que todos os autores deste trabalho são integrantes do Projeto de Extensão Incubadora de Cooperativas Populares da Unesp-Bauru (INCO) e realizaram registro e descrição das atividades desenvolvidas com o grupo, além das percepções das cooperadas com relação ao desenvolvimento de algumas oficinas e dinâmicas realizadas que foram pautadas pelos princípios da educação popular.

Já com relação à metodologia utilizada para o desenvolvimento dos projetos de incubação da INCOP, podemos observar que em cada projeto realizado a metodologia de trabalho foi previamente planejada e contemplou visitas programadas à sede da cooperativa, que buscavam conhecer a realidade do grupo, identificando as principais demandas e temas a serem desenvolvidos com os cooperados, tendo sempre como embasamento os princípios da economia solidária, da educação popular e da pedagogia de Paulo Freire, seguindo os princípios da autogestão, cooperação, solidariedade, autonomia, planejamento participativo e desenvolvimento de liderança.

Após as visitas, o material resultante das atividades era reunido, registrado e avaliado pela equipe a fim de se realizar um diagnóstico que pudesse produzir algumas reflexões, ações e adaptações necessárias em um processo de retroalimentação e constante aprimoramento da incubação.

Resultados alcançados

No final de 2014, a INCOP optou por finalizar a incubação, que já durava 3 anos, de uma cooperativa de catadores de material reciclável, a COOTRAMAT. Logo em seguida, recebemos o convite da Secretária de Agricultura e Abastecimento de Bauru (SAGRA) para desenvolver um trabalho com as cooperativas de agricultura familiar da cidade.

A cooperativa que escolhemos para realizar o processo de incubação foi o Grupo Mulher, uma cooperativa formada por mulheres agricultoras que vivem e trabalham no Assentamento Horto de Aimorés, localizado na cidade de Bauru, no interior do Estado de São Paulo.

O grupo tem pouco mais de um ano de existência, e se originou a partir da vontade das mulheres daquela localidade em trabalhar coletivamente e assim encontrar uma alternativa de renda para suas famílias. Em vista de já terem participado de cooperativas mistas e não obtido sucesso, tomaram a decisão de se organizarem de forma independente dos homens e alcançarem o sustento por vias próprias, reafirmando a busca pela sua própria autonomia através do empoderamento feminino.

Dentro do processo de incubação desenvolvido pela INCOP são realizadas diversas atividades em conjunto com a cooperativa, que estão fortemente embasadas pelos preceitos da educação popular e economia solidária.

Todas as visitas que o projeto realiza ao assentamento são previamente elaboradas para levar até o grupo de agricultoras atividades e discussões que se aproximem de suas realidades. A cada visita, nós conhecemos um pouco de como o grupo se organiza, como trabalham e como se comunicam para que todas as nossas propostas de trabalho sejam pensadas e criadas conjuntamente, pois este é o princípio da educação popular. Nesse processo, entendemos que se gera um aprendizado mútuo; uma boa parte de nosso contato é baseado em relatos das experiências que elas têm com as atividades que realizam.



Figura 1. Registro da visita para reconhecimento e diagnóstico realizada em 2015 no Sítio da Dona Rosália do Grupo Mulher.

Fonte: Arquivo INCOP Unesp/Bauru



Figura 2. Registro de atividade de imersão com estudantes interessados em participar do Projeto de Extensão INCOP Unesp/Bauru em visita ao Assentamento Horto Aimorés em Bauru-SP (Sítio da Dona Rosália) em 2016.

Fonte: Arquivo INCOP/Unesp Bauru

Outra atividade que a INCOP realizou junto ao Grupo Mulher e que foi estendido a outras cooperativas do Assentamento foram as oficinas de capacitação, que

giraram em torno de temas, tais como: economia solidária e cooperativismo, pois a partir do diagnóstico feito pelos integrantes da INCOP, notou-se que apesar das cooperativas realizarem a prática, tinham pouco ou nenhum contato com esses conceitos teóricos.

Mais uma vez, as oficinas adotaram uma metodologia baseada na troca de conhecimento. O Grupo Mulher, ao ter contato com os conceitos teóricos das atividades que praticava diariamente, passou a entender de forma mais clara o objetivo do grupo; e as mulheres transmitiram esse entendimento para a roda de debate que foi formada.

Atualmente, o Grupo Mulher está passando pela fase final de formalização da cooperativa. Nessa etapa, o processo de incubação adquire uma nova abordagem. A INCOP agora passará a trabalhar mais com questões ligadas a parte formal da cooperativa como: estatuto, capacitação de lideranças e orientações financeiras. Além disso, também há a previsão de realização de oficinas que trabalhem com os aspectos da cultura que essas mulheres estão construindo como grupo, pois o trabalho da INCOP com outros projetos de economia solidária nos mostrou a importância de clima organizacional, confiança e cooperação para que os objetivos sejam alcançados.



Figura 3. Registro de oficina sobre Cooperativismo realizada na Unesp/Bauru e dirigida a todas as cooperativas do Assentamento Horto Aimerés Bauru-SP, contando com a presença do Secretário Municipal de Agricultura, Francisco Maia, e a Diretora Técnica Acadêmica da FAAC/Unesp Bauru, Angélica Ruiz.

Fonte: Arquivo INCOP/Unesp Bauru



Figura 4. Registro de oficina sobre Cooperativismo e Economia Solidária realizada em 2015 na Unesp/Bauru e dirigida ao Grupo Mulher
Fonte: Arquivo UNESP/Bauru



Figura 5. Registro da I Feira da Agricultura Familiar da Unesp/Bauru (Coopera Unesp) realizada em dezembro de 2015
Fonte: INCOP/Unesp Bauru

Considerações finais

Tendo a educação popular como um pilar fundamental para as atividades deste projeto, percebe-se quão importante é a troca de saberes e de experiências entre grupos populares e a academia. De fato, a oportunidade de interação entre os estudantes participantes do projeto, professora coordenadora e o Grupo Mulher permitiu que conhecêssemos uma realidade muito distinta daquela que se estuda na universidade. Efetivamente, um dos maiores benefícios no desenvolvimento de atividades conjuntas pautadas pela educação popular na perspectiva da economia solidária foi a desconstrução de um imaginário coletivo estereotipada sobre ambos os grupos participantes do projeto: estudantes e professores e a Cooperativa Grupo Mulher. Isso permitiu maior aproximação, sensibilidade e compreensão sobre a realidade em que vivem e conhecem, etapas iniciais no processo de transformação social.

É evidente a troca de aprendizado que está sendo produzida nesse processo de incubação que saiu da bolha universitária e dialogou presencialmente com a comunidade. Já pelo ponto de vista das mulheres agricultoras, ficou claro o auxílio e as novas perspectivas que elas enxergaram no trabalho com a INCOP, com a procura de novos objetivos para a cooperativa prosperar.

Referências

- MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.
- MELO NETO, José Francisco de. **Educação popular em economia solidária**. Disponível em: <http://www.cultura.ufpa.br/itcpes/documentos/educacao_popular_economia_solidaria.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2016.
- OLIVEIRA, Maria Cristina; ZANIN, Maria. Economia solidária: uma temática em evolução nas dissertações e teses brasileiras. **Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade**, v.2, n.1, p. 181-193, jan/jul. 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 79, p. 71-94, Nov. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-330020070003000004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 maio 2017.
- SINGER, Paul. Economia solidária. **Estud. Av.** [online], vol. 22, n. 62, p. 289-314 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020>. Acesso em: 18 maio 2017.
- ZITKOSKI, Jaime José. Educação popular e economia solidária: um diálogo possível e necessário. **Revista Diálogo**, n.17, p. 97-106, jul./dez. 2010.